

Ativismo digital e resistência: a comunidade de Piquiá de Baixo no facebook da rede Justiça nos Trilhos¹

Mariana Muniz GONÇALVES²

Maiane Nascimento MACIEL³

Roseane Arcanjo PINHEIRO⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

A pesquisa apresenta um levantamento inicial sobre as postagens a respeito da luta da comunidade de Piquiá de Baixo, de Açailândia-MA, por seus direitos socioambientais e por dignidade. Através da Associação de Moradores de Piquiá, que integra a rede Justiça nos Trilhos (JnT), os moradores realizam mobilizações para lutarem por seus direitos, pois são prejudicados pela atuação das indústrias de mineração e siderurgia, que poluem ar, água e solo na localidade. Foram analisadas 80 postagens no Facebook da JnT, verificando os tipos e os gêneros jornalísticos delas, que são bastante utilizados, e enfim identificarmos as características dos conteúdos. O recorte foi de março de 2017 a março de 2019. O estudo demonstra que o Facebook é utilizado como ferramenta de ativismo digital e, em muitas postagens, o enfoque envolve manifestações, problemas enfrentados e perfis de moradores, abordagens que fortalecem as reivindicações da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; Ativismo Digital; Justiça nos Trilhos; Piquiá; Açailândia.

1. Introdução

O objetivo dessa pesquisa, em andamento no Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, é realizar um levantamento sobre a utilização do Facebook como ferramenta de ativismo digital no processo de mobilização pelos direitos socioambientais da comunidade de Piquiá de Baixo, localizada no bairro de Piquiá, na cidade de Açailândia-MA. O corpus

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, e integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP), e-mail: munizan4@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, e integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP), e-mail: maianenascimento@msn.com.

⁴ Professora adjunta do Curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Orientadora do trabalho, e-mail: roseane.ufma@gmail.com

do trabalho são postagens realizadas no Facebook da rede Justiça nos Trilhos (JnT), que tem quase 4 mil seguidores. São postagens que abordavam a situação de Piquiá de Baixo e que foram inseridas no período de março de 2017 e março de 2019.

A rede Justiça nos Trilhos é uma articulação de organizações não-governamentais, movimentos sociais, igrejas, grupos de pesquisa e cidadãos, que tem como finalidade a luta pela dignidade dos moradores das comunidades impactadas pela Estrada de Ferro Carajás e pelas atividades das indústrias da mineração e da siderurgia, instaladas nos estados do Pará e Maranhão desde o começo dos anos 80 (PINHEIRO, SOUZA, 2016). No caso de Piquiá de Baixo, os moradores sofrem com a poluição ambiental e o desrespeito aos direitos básicos, porém através de mobilizações, protestos, pressões sobre governos e empresas e ações judiciais, os moradores garantiram o direito ao reassentamento, onde, de forma coletiva, as 312 famílias que se uniram, irão para um novo bairro, com infraestrutura e longe da poluição.

As redes sociais são espaços de novas interações e de compartilhamento de valores e ideias em escala global e instantânea. As postagens podem ser visualizadas e comentadas a todo o momento e a circulação de notícias tem acontecido cada vez mais, o que facilita a viabilidade das ações da comunidade, com expressivo alcance de público. O Facebook é atualmente a rede social que possui maior número de usuários, com 2,2 bilhões de usuários mensalmente em todo o mundo, sendo 127 milhões de usuários ativos mensais no Brasil, segundo pesquisa do Datafolha⁵.

Para analisar os conteúdos, seguindo os critérios de organização de Bardin (2011), buscaremos compreender como a rede social em destaque, Facebook, é utilizada como ferramenta de ciberativismo em prol de melhores condições de vida para a população de Piquiá de Baixo. Partindo de um esquema de organização, esta pesquisa seguiu três etapas: 1) coleta de dados, recortes e seleção de material; 2) categorização do material encontrado e 3) análise dos textos selecionados. A partir das orientações da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), foram definidas duas categorias para o levantamento das informações: tipo de postagem e gênero jornalístico do material encontrado.

Para o processo de investigação foram utilizadas as abordagens qualitativa e quantitativa. Minayo e Sanches (1993) expressam que essas formas de investigação não

⁵ Apesar da queda de usuários, a rede é que possui o maior número de internautas interligados: . O levantamento do Instituto Data Folha foi feito em março deste ano: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml>

precisam necessariamente ser utilizadas como oposição, mas também como aliados na busca por resultados, podendo haver questionamentos a serem aprofundados um ao outro.

Informamos que a pesquisa integra as ações do projeto “Cartografia social de Piquiá de Baixo, em Açailândia-MA: memórias, trajetórias, política e ativismos midiáticos”, coordenado pela Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão. Integram a equipe executora a Profa. Dra. Carmem Barroso Ramos, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão; Prof. Dr. Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo, da Universidade Federal do Tocantins e Prof. Me. José Siney Ferraz Rodrigues, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. O objetivo principal é realizar um amplo levantamento, reunindo referências sobre enfrentamentos, jogos de força, representações, práticas, vivências, ativismos midiáticos e documentos históricos sobre a origem, lutas e história passada e presente do grupo.

2. Nas trilhas do ciberativismo, do local para o global

Após a criação da internet, os pesquisadores se dividiram quanto aos impactos da rede mundial de computadores no âmbito cultural: iria aprofundar ainda mais as diferenças entre ricos e pobres, dessa vez na ágora digital? Ou seria uma arena de forte oposição aos poderes vigentes e às estruturas estabelecidas? (MAGALHÃES, 2018, pág.117). Entre as visões pessimista ou otimista do ciberespaço, as experiências de ativismos nos ajudam a compreender melhor as dinâmicas, potencialidades e limitações da internet – até onde se estende seu poder questionador e a força de influir no debate público em todo o mundo.

O ciberespaço se constituiu como instância de mobilização social, caracterizada pela conectividade de sociedades em redes, ativadas especialmente pelos segmentos sociais que não têm acesso aos canais hegemônicos e agem através de espaços midiáticos alternativos de interação (CASTELLS, 2013). Essa atuação conectada e interligada indica que os movimentos sociais organizados, na atualidade, trabalham a mobilização local e globalmente ao mesmo tempo, potencializando sua ação e intervenção nas sociedades.

Pierre Lévy (1998) já havia destacado que as tecnologias digitais acenaram para uma nova instância de divulgação de pensamentos e ideias, com importante potencial para alternar o jogo democrático e a divisão de forças nas sociedades. Uma das

principais características do ciberespaço se materializou através do rompimento com as hierarquias na produção dos conteúdos e seu compartilhamento, o que gerou oportunidades de produção coletiva, colaborativa e horizontal.

As redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, etc) foram os ambientes que fortaleceram as ações coletivas, vistas como formas de mobilização política no ciberespaço, movimentos denominados por ciberativismo, ativismo online ou net-ativismo. A produção e compartilhamento, de forma colaborativa e em larga escala, transformaram as redes sociais em um marco fundamental nos fluxos comunicacionais, com suas interconexões, inaugurando um estar num mundo a partir da superação das barreiras físicas em ações instantâneas e de alcance mundial.

Conforme reflexões de Raquel Recuero (2015, p.83), as redes sociais amplificaram as relações sociais numa escala historicamente não conhecida, ao tecerem uma infinidade de conexões entre sujeitos e grupos, numa teia onde se propagam ideias, valores e poder. “Uma rede social na internet tem um potencial imenso para colaborar, para mobilizar e para transformar a sociedade”. Esses valores são o capital social dos que o propagam sentidos na internet, que estão relacionados às reputações e ideologias, capazes de envolvem segmentos em articulações que podem alterar as relações sociais, políticas e culturais vigentes.

3. As conexões entre Piquiá de Baixo e a rede Justiça nos Trilhos

Piquiá é um bairro que faz parte do município de Açailândia-MA e teve início nos anos 1960, conforme relato dos primeiros moradores. Distante 700 km, por via terrestre, da capital do estado, São Luís, o município vivenciou diferentes ciclos econômicos que utilizaram os recursos naturais da região de forma predatória, o que impactou a sociedade local nos aspectos social, econômico e ambiental. Mas o projeto que produziu maiores consequências até a atualidade foi Programa Grande Carajás, constituído a partir das décadas de 1980, para favorecer a indústria do minério nas regiões Norte e Nordeste.

Com o objetivo de escoar a produção e exportar minérios, a Estrada de Ferro Carajás, hoje controlada pela Vale SA, empresa privatizada, tem 892 km e atravessa 23 municípios do Maranhão e quatro do Pará, unindo a mina de Carajás (PA), no município de Paraupabas-PA, ao Porto de Itaqui, em São Luís (MA). Esse trajeto envolve cerca de cem comunidades (indígenas, quilombolas, rurais).

Nesse contexto foram instaladas cinco siderúrgicas no bairro Piquiá para beneficiamento do ferro gusa a ser exportado pela mineradora Companhia Vale do Rio Doce, que após privatizada, passou a se chamar Vale S/A. A chegada destas empresas dava a aparência de que um novo ciclo de desenvolvimento que iria se estabelecer, porém não houve melhorias para Açailândia, mas apenas a exploração dos recursos naturais e seus efeitos, como a exploração madeireira, a favelização e o trabalho escravo nas carvoarias.

Uma parte do bairro, chamado de Piquiá de Baixo, onde aproximadamente moravam 350 famílias, compostas por 1100 pessoas, foi afetado de maneira mais direta e grave pelas atividades das siderúrgicas e da indústria da mineração, gerando poluição do ar, do solo e doenças respiratórias. No bairro foram instaladas cinco siderúrgicas: Viena Siderúrgica S.A, Ferro Gusa do Maranhão (Fergumar), Siderúrgica do Maranhão SA. (Simasa), Companhia Siderúrgica Vale do Pindaré e Gusa Nordeste S.A.

Após a instalação do complexo siderúrgico, logo foi perceptível que não significou melhores condições socioambientais no perímetro em que as empresas foram instaladas, pelo contrário, como destaca Chagas e Sousa e Vacovsky (2017): “os lucros do setor foram privatizados, mas os impactos e prejuízos, socializados”. Pestana (2014) reitera que os danos estão, sobretudo, na poluição do ar, água e solo, destruição da fauna e flora, predisposição da comunidade a endemias e a decadência generalizada das vidas humanas impactadas pela negação aos direitos que deveriam ser garantidos para que haja uma existência com dignidade.

O pó preto, resultante da fuligem liberada pelas chaminés caindo sobre o telhado das casas, é um dos infortúnios sofridos pelos moradores do bairro. É resultante do beneficiamento do ferro gusa nas empresas guseiras que trabalhavam com a finalidade principal de exportação, conforme destaca o Relatório da Federação Internacional de Direitos Humanos (FIDH) (2010, p. 53). A poluição desenfreada se tornou uma condição favorável à proliferação de doenças e que podem resultar até mesmo em câncer, como afirma Santos et al (2012). Com a população prejudicada e o legado de destruição deixado pela industrialização sem planejamento e fiscalização correta dos setores responsáveis, o bairro enfrenta sérios comprometimentos para a qualidade de vida dos moradores.

Neste ambiente adverso, Alves e Pinheiro (2018) relatam que surgiu um jornal impresso, o “Nossa Voz”, que começou a noticiar o cotidiano e as lutas dos moradores

contra os impactos socioambientais, denunciando a falta de saneamento e de serviços básicos no bairro. A finalidade foi dar mais voz às comunidades impactadas pela Estrada de Ferro Carajás, inclusive os moradores de Piquiá de Baixo, que estavam engajados buscando melhores condições de vida.

Também neste contexto, mediante a fragilidade da população em combater grupos empresariais de tamanha envergadura econômica, a Associação de Moradores de Piquiá buscou apoio na rede JnT, que nasceu em 2007 e cada vez tem se consolidando como espaço de defesa dos direitos das comunidades e de combate aos impactos da mineração nos territórios da Amazônia, entre os estados Pará e Maranhão.

O desejo era agir com “urgência de protestar e lutar contra as ações de uma das empresas mais poderosas do mundo” (no caso a Vale)⁶. Neste aspecto, a rede define como sua missão “fortalecer as comunidades ao longo do corredor Carajás e denunciar as violações aos direitos humanos e da natureza responsabilizando Vale e Estado, prevenindo novas violações e reafirmando os modos de vida e a autonomia das comunidades nos seus territórios”.

A JnT atua a partir de uma rede de movimentos sociais, igrejas, grupos de pesquisa, associações comunitárias e cidadãos, que se uniram para ajudar moradores dos municípios e povoados cortados pela Estrada de Ferro Carajás, impactados pelas atividades da mineração e da siderurgia⁷. Surgiu através da campanha internacional “Justiça nos Trilhos”, tendo sua coordenação composta pelas entidades como os Missionários Combonianos, Fórum Carajás, Fórum ‘Reage São Luís’, Sindicato dos Ferroviários de Maranhão, Tocantins e Pará; Grupo de Estudo Modernidade e Meio Ambiente (Gedmma/UFMA), Movimento dos Trabalhadores em Terra (MST), entre outros.

4. As lutas de Piquiá de Baixo no Facebook

Atualmente a JnT utiliza as redes sociais Facebook, Twitter e Youtube. Para a análise, escolhemos o Facebook em função do maior número de seguidores e também por ser maior rede em termos mundiais. A conta foi criada em 10 de janeiro de 2012 e atualmente possui 3940 pessoas curtindo as postagens, segundo dados colhidos na página. Para Magalhães (2018), as redes sociais digitais desempenham grande eficácia

⁶ Notícias, fotos e informações sobre a comunidade de Piquiá de Baixo podem ser obtidas no site <http://piquiadebaixo.justicanostrilhos.org/>, e no site da re Justiça nos Trilhos: <http://justicanostrilhos.org/>

na construção e veiculação de informações, o que gera poder aos que as disseminam no ambiente digital.

Na primeira etapa desta pesquisa, fizemos a coleta no Facebook da JnT utilizando o critério de reunir informações postadas sobre a comunidade de Piquiá de Baixo. Escolhemos o período de março de 2017 e março de 2019, no qual as mobilizações se acentuaram e resultaram na conquista do reassentamento, ou seja, a mudança para um novo bairro, decisão dos moradores em assembleia.

Desta maneira, encontramos 80 publicações que foram postadas no período informado sobre a comunidade e suas ações. A segunda etapa foi categorizar as postagens seguindo os conceitos, conforme Sousa (2014):

Quadro 1. Categorias de circulação a partir da forma de apresentação das postagens

Texto	A postagem é constituída apenas por texto, sem qualquer tipo de link que direcione o usuário para outros locais do ciberespaço, sons e/ou imagens (estáticas ou em movimento) para complementara informação. Os links limitam-se às opções de ações participativas dos usuários.
Hipertexto	A postagem traz, além do texto, um link que pode direcionar o usuário para outras páginas da internet com mais informações relacionadas ao assunto. É, portanto, um hipertexto com elos que permitem interatividade e leitura não linear. Além dos links das publicações, há também os relativos às opções de ações participativas dos usuários.
Hipermídia	A postagem possui, além de texto e link (hipertexto), sons e/ou imagens que podem ser estáticas ou em movimento, caracterizando a hipermídia. Por conta do link, existe também a ligação da informação a outros espaços da rede e a possibilidade de interatividade e de leitura não linear. Além dos links das publicações, há também os relativos às opções de ações participativas dos usuários.

Fonte: (SOUSA, 2014)

Hipermídia é a categoria que mais representa postagens, hipertexto representa moderadamente e texto não representa nenhuma.

Tabela 1. Classificação das postagens

Categoria de circulação	Postagens
Texto	0
Hipertexto	0
Hipermídia	38
Outros	42

Fonte: autoras

Algumas das postagens não representavam texto, hipertexto ou hipermídia, elas não seguem nenhum dos conceitos e por este motivo a categoria ‘outros’ foi adicionada à tabela.

Figura 1 - Apresentação de hiperímídia na postagem.



Fonte: <https://bit.ly/2G8XRgw>

Na figura 1 o enfoque é a celebração ecumênica realizada pelos moradores no início das obras do novo bairro. A postagem traz um breve texto, o link da matéria original e a imagem deles no evento.

Figura 2. Apresentação de hiperímídia.



Fonte: <https://bit.ly/2X8zPsP>

A figura 2 contém um breve texto, hashtags e um vídeo. Para Sousa (2014) a utilização de hashtag nas publicações pode ser considerada link também, já que ela ao ser clicada o leva a um amplo rol de postagens sobre o tema.

A categoria hipermídia, com 38 postagens é a mais utilizada nas redes sociais. Ela contém texto, links e imagens, para manifestar aquilo que se quer passar com a postagem. É grande a utilização de mídias visuais na propagação de informações interessadas à comunidade de Piquiá de Baixo. As postagens em geral têm apelo visual, com imagens de reuniões, protestos, etc.

As categorias texto e hipertexto não foram representados por nenhuma postagem nessa primeira análise, demonstrando que em um panorama, o Facebook do JnT utiliza como padrão os elementos visuais em suas postagens.

A terceira etapa foi analisar os gêneros jornalísticos presentes nas postagens. Considerando os conceitos de Medina (2001), os gêneros jornalísticos servem também para conhecer a intenção do enunciador ao expor algo, se é de informar, interpretar, divertir ou opinar. Por ora, queremos focar apenas nos gêneros informativos e opinativos, não considerando os outros neste momento da pesquisa.

Analisando as postagens associadas a esses conceitos, conheceremos a intenção dos autores do veículo ao apresentar assuntos sobre Piquiá de Baixo no Facebook.

Tabela 2. Classificação de gêneros

Gênero	Postagens
Opinativos	5
Informativos	59
Outros	16

Fonte: autoras

O gênero informativo é a forma padrão de apresentação das postagens, podendo ser notícias, reportagens, notas, entrevistas, etc.

Figura 3. Apresentação de gênero informativo notícia.



Fonte: <https://bit.ly/2GcMggi>

Muitas postagens com caráter informativo têm apelo à luta dos moradores de Piquiá de Baixo sobre o reassentamento do bairro, que segundo Alves (2019) as reivindicações têm sido embate de muitos anos e ainda não acabou, apesar das obras do novo bairro tenham sido iniciadas. Os moradores aparecem na maioria das postagens como personagens.

Figura 4. Exemplo de gênero.



Fonte: <https://bit.ly/2UiNWdo>

Já o gênero opinativo aparece minimamente nas postagens coletadas, ele é cautelosamente utilizado. Para Medina (2011) o gênero opinativo é uma leitura do real, que identifica os valores atuais e novos e faz uma análise da realidade e a sua avaliação dentro dos padrões jornalísticos, ou seja, uma versão dos fatos com argumentações, favorecendo determinadas ideias e valores. Na figura 4 temos um pequeno texto sobre uma moradora, o link para a matéria original e a imagem da personagem com seu filho no colo.

Para além da análise dos gêneros, encontramos também pontos que podem ser citados nesse trabalho. A utilização de moradores/associação de moradores como fonte para as postagens, a reprodução ou aproveitamento de informação pelo portal e o enfoque das postagens, que em mais da metade eram sobre eventos (manifestações, paralisações, reuniões e encontros).

Tabela 3. Detalhes encontrados

Detalhes relevantes	
Reprodução de postagens	28
Conteúdo próprio	52
Postagens alusivas a eventos	51

Fonte: autoras

A utilização dos moradores como fonte e personagem demonstram que o foco é principalmente a movimentação da comunidade, a luta pelos direitos socioambientais e as articulações locais, nacionais e internacionais.

5. Considerações finais

Neste estudo percebemos que as postagens no Facebook do portal da rede JnT utilizam geralmente hipermídias para propagar informações sobre a comunidade de Piquiá de Baixo. O apelo para mídias visuais é um padrão das postagens. Vídeos e fotos, geralmente de moradores, constroem as postagens do JnT.

Mais da metade das postagens têm teor jornalístico, sendo principalmente no gênero informativo. Isso demonstra que o Facebook é sim utilizado como ferramenta de ativismo digital. Em muitas postagens o enfoque é para manifestações, reuniões, eventos promovidos para reivindicar causas da comunidade de Piquiá de Baixo.

No caso da rede JnT, ao apostar nas redes sociais (Facebook), a organização acena para a mobilização dos públicos em escala mundial, a partir das narrativas que

envolvem os desafios socioambientais enfrentados pelos moradores de Piquiá de Baixo. Essa sensibilização dos internautas, no país e no mundo, a faz agir no debate público para promover o exercício da cidadania e, assim, atingir seus objetivos (PERUZZO, 2004, p. 67). Ao se apropriar das tecnologias e lutar por melhores condições de vida para a comunidade de Piquiá de Baixo, outro movimento que está sendo feito é combater a exclusão de suas vozes nos processos decisórios que determinam os modelos de desenvolvimento econômico adotado globalmente e no Brasil, com especial destaque para a indústria da mineração.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, M. S.; PINHEIRO, R. A. **Análise das notícias sobre Piquiá de Baixo no Jornal Nossa Voz**. Maranhão: 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, São Paulo: Ed. 70, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAGAS SOUSA, Francisco; VACOVSKI, Eduardo; DA SILVA SOARES, Fagno. PIQUIÁ DA CONQUISTA: a vitória dos de baixo contra os gigantes de ferro. **Revista Observatório**, v. 3, n. 2, p. 417-453, 2017.

FIDH, JUSTIÇA NOS TRILHOS. **Brasil Quanto Valem os Direitos Humanos? Os impactos sobre os direitos humanos relacionados à indústria da mineração e siderurgia de Açailândia**. Relatório. Açailândia: JnT, 2010.

JUSTIÇA NOS TRILHOS. **Quem somos**. 2009. <http://justicanostrilhos.org/> Acesso em: 11/04/2019.

LÉVY, Pierre. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Revista Famecos. Porto Alegre, 1998.

MAGALHAES, M. **Net-Ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais**. Lisboa: Ed. ICNOVA, 2018.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **SymposiuM**, p. 45-55, 2011.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

PERUZZO, Cicília. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org.). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

PESTANA, Thiago Vale. **Os impactos socioambientais decorrentes da atividade siderúrgica na comunidade Pequiá de Baixo em Açailândia/MA**. 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates, Lajeado – RS, 2013.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo; Francisca Daniela dos Santos, SOUZA. Comunicação, educação e direitos humanos: análise das ações da Rede Justiça nos Trilhos. **Anais do 8º Fórum Internacional de Pedagogia**. Imperatriz: 9 a 12 de novembro de 2016. In: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/anais.php>. Acesso em 7 abril de 2019.

RECUERO, Raquel. Rede Social. In: SYPER, Juliano. **Para entender a internet**. Creative Commons, 2009.

SANTOS, Ramila Alves et al. Avaliação epidemiológica de pacientes com câncer no trato aerodigestivo superior: relevância dos fatores de risco álcool e tabaco. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 58, n. 1, p. 21-29, 2012.

SILVA ALVES, Michely; PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Análise das notícias sobre Piquiá de Baixo no Jornal Nossa Voz**. In: XII SIMCOM Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, Imperatriz. 2018. Disponível em: <http://www.simcom.ufma.br/>

SOUSA, M. C. E. As dinâmicas da notícia nas redes sociais na internet: a forma de apresentação das postagens no Twitter e no Facebook. **Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 17(2), p.199-212, 2015.